

O USO PURITANO DA IMAGINAÇÃO



- Por Eifion Evans

*Queres ver uma verdade dentro de uma fábula?
Então lê minhas fantasias, elas vão grudar como carrapichos
...vem aqui,
E coloca meu livro, tua cabeça e coração juntos.*

Assim escreveu John Bunyan na sua “Apologia” ao *Peregrino*, na sua primeira publicação em 1678.[1] O tempo provou que ele tinha razão. Poucos livros, mesmo os da poderosa era puritana, causam uma impressão tão duradoura na cabeça e no coração quanto o dele. A verdade de Deus é transmitida de forma eficaz pela ficção de Bunyan.[2]

A VERDADE AO LADO DA FICÇÃO

Bunyan certamente estava ciente da aparente inconsistência entre “verdade” e “fábula”. Ele até procurou o conselho de seus contemporâneos sobre tal empreendimento: “Alguns disseram, ‘John, imprima’; outros disseram: ‘Não faça assim’. Alguns disseram: ‘Pode ser bom’, outros disseram: ‘Não’.

Sua “Apologia” também nos conta o que o convenceu a favor da publicação: *“A solidez, de fato, torna-se a pena daquele que escreve coisas divinas aos homens; Mas devo querer solidez, porque falo por metáforas; As leis de Deus, Suas Leis Evangélicas, não foram apresentadas em tempos antigos por meio de tipos, sombras e metáforas?”*

Apela-se aos precedentes do Antigo e do Novo Testamento para justificar seu método: “Os profetas usaram muito as metáforas para expor a verdade; Sim, quem considera Cristo, e também seus apóstolos, verá claramente que as verdades até hoje estão em tais mantos.

Então ele lançou o título do livro como *“O Progresso do Peregrino deste mundo para aquele que está por vir, entregue à semelhança de um sonho”*. O versículo bíblico que lhe forneceu um suporte para seu empreendimento foi Oséias 12:10: *“Usei semelhanças”*. [3]

Os personagens de Bunyan são habilmente e popularmente elaborados a partir de projetos bíblicos. Ele exige que o leitor se identifique com eles e, depois de fazer a conexão, espera que tirem a conclusão adequada, para edificação, reprovação, correção, assim como a própria Escritura faz. A partir de um estudo de obras não-conformistas do período puritano posterior, o professor Keeble conclui que:

as fontes de edificação foram muitas, variadas e encantadoras. Não foi imediatamente aparente para todos os não-conformistas que a literatura imaginativa era um deles, pois o fim predominante do drama, da ficção e da poesia da Restauração certamente não era a piedade. Isso, compreensivelmente, gerou preconceito contra aqueles que ocupavam o tempo de escritores ou leitores não-conformistas. Foi, no entanto, um preconceito que os próprios autores não-conformistas procuraram combater. Em vez de rejeitar qualquer gênero literário ‘per se’, eles distinguiram entre o temperamento literário predominante da sociedade da Restauração e o uso que poderia ser feito, e já havia sido feito na própria Bíblia, de metáfora, parábola, história e poesia. Como Bunyan observou: “pois para que são essas coisas ordenadas, senão para que possamos, pelo uso piedoso delas, alcançar mais conhecimento de Deus e ser fortalecidos por sua graça para servi-lo melhor. Mas há uma grande

diferença entre usar essas coisas e usá-las para esses fins.” Nos seus prefácios apologéticos e através da sua prática, os autores não-conformistas procuraram persuadir os seus leitores de que a literatura imaginativa poderia de fato servir a estes fins. O precedente bíblico não apenas autoriza a ficção, mas exemplifica sua capacidade de compreender de forma precisa e comovente os fatos da experiência. A autenticidade experiencial legitimou a literatura imaginativa.[4]

“Esta é uma das características mais encantadoras de sua alegoria”, diz Marcus Loane. “É tudo tão natural e tão fiel à vida”. [5]

Além disso, Bunyan incorporou em sua obra-prima alegórica pioneira um dispositivo de segurança que foi projetado para evitar abusos e garantir a aplicação legal de seu tema, a saber, as referências bíblicas marginais. A alegoria no texto deve tornar-se realidade para o leitor, edificando e motivando, levando-o a uma conformidade mais estreita com os ideais bíblicos. Conseqüentemente, o uso da imaginação por Bunyan foi uma ferramenta literária eficaz para alcançar a meta legal e desejável da piedade pessoal. Era como se Bunyan não pudesse confiar totalmente em sua narrativa; ele deveria supervisionar e controlar seu impacto adequado e desdobrado sobre o leitor por meio de um glossário sempre presente nas Escrituras. Keeble chama a atenção para esse recurso desta forma:

Embora dentro de suas alegorias Bunyan tenha (em grande parte) renunciado a qualquer tratamento direto, elas são governadas pela mesma determinação de instruir. Ele não pode se contentar em confiar na implicação e na narração indireta. Ele é, como todos os escritores não-conformistas (incluindo até mesmo Milton em Paraíso Perdido), intrusivo, observando e orientando constantemente as respostas de seus leitores. É por isso que ele está tão persistente e conscientemente presente nas margens dos seus textos. A natureza auto-reflexiva das ficções de Bunyan insiste que elas sejam lidas como um meio, não como um fim.

Numa obra semelhante de Benjamin Keach, *The Travels of True Godliness*, publicada pela primeira vez em 1683, a alegoria é mais transparente porque o conteúdo bíblico é incorporado ao texto.[6]

O Progresso do Peregrino, a alegoria da peregrinação, apareceu impresso pela primeira vez em 1678, e foi seguido em 1682 por uma alegoria do conflito, *A Guerra Santa*. Este trabalho posterior foi mais sutil e mais complexo em seu enredo, e Bunyan achou necessário ser mais explícito sobre sua metodologia:

*Preste atenção ao que eu relato,
Tocando a cidade de Alma Humana e seu estado;
Como ela estava perdida...
E como se colocou contra ele, isso deveria salvá-la;...
Pois eles são verdadeiros...
Eu mesmo estava na cidade...
Que nenhum homem me considere um criador de fábulas,
Nem faça do meu nome ou crédito um participante
De seu escárnio; o que está aqui em vista:
Pelo meu próprio conhecimento, ousou dizer que é verdade.
Eu vi...
Ouvi...
Eu estava lá...
Nem você vai trabalhar sem minha chave
(Nos mistérios os homens logo se perdem):
E também vire à direita, se você souber
Meu enigma, e quiser com meu arado de novilha:
Ele está ali na janela...[7]*

“A chave” refere-se aos textos marginais, e eles tornam-se “a janela” através da qual os seus mistérios podem ser vistos de forma confiável, para o leitor tirar proveito nas suas próprias lutas diárias com o pecado, o mundo e o diabo.[8] E se Bunyan pode dizer com confiança “eu estive lá”, ele espera que o seu leitor também esteja lá na experiência.

Que eram necessárias salvaguardas, Bunyan admitiu prontamente. Ele fazia parte da tradição reformada e puritana de evitar as fantasias infundadas e desenfreadas da imaginação não regenerada. Em outra obra, *A Grandeza da Alma*, depois de examinar o ensino das Escrituras sobre o assunto, ele diz não menos conclusivamente: “Deus encontra falhas na imaginação como naquela que empresta a primeira mão ao pecado, e que lhe dá o primeiro impulso no sentido de ser ajudado a agir. Sua análise desta faculdade conclui com uma declaração de sua poderosa influência na personalidade:

A imaginação deveria e iria, se estivesse do lado de Deus, ter concebido esse movimento de e para os pecados, de modo a apresentá-lo em todas as suas características, uma coisa tão feia, tão desfavorecida e tão irracional para a Alma, que a Alma deveria imediatamente ter baixado a eclusa e levantado a ponte levadiça, parando com o maior desafio o movimento agora em consideração; mas a imaginação sendo contaminada, logo à primeira visão ou ruído do movimento do pecado, então agiu no sentido de encaminhar a

execução da referida moção ou ideia. Assim, então, o pensamento do pecado, ou movimento para pecar, é antes de tudo nutrido pela imaginação e fantasia da Alma, e daí transmitido ao resto dos poderes da Alma para serem condenados, se a imaginação for boa; mas para ser ajudado a avançar para o ato, se a imaginação for má... pois a imaginação é um poder tão forçoso, que se ela se esforçar para vestir e apresentar algo à Alma, seja essa coisa má ou boa, o resto das faculdades não consegue resistir.[9]

Foi esse mesmo poder que Bunyan pensou que deveria ser direcionado para propósitos de edificação dos crentes.[10] A alternativa à imaginação não santificada não é negar completamente a sua utilidade, mas explorar o seu poder naqueles cuja imaginação recebe nova vida e direção pela graça de Deus.[11]

IMAGINAÇÃO DE UM *DUNGEON* TERRÍVEL

Visto que a imaginação possuía tal poder, os escritores puritanos tiveram o cuidado de definir o seu lugar na experiência humana. Previsivelmente, eles seguiram os reformadores na sua exposição. João Calvino, por exemplo, refere-se à sua condição depravada por natureza: “A imaginação do homem é uma masmorra terrível; e quando estamos apenas uma vez mergulhados nela, não há como sair novamente; e ainda assim não há nenhum de nós que não procure seguir as imaginações de seu próprio coração”.[12] No seu comentário sobre Jeremias 9:14 ele mostra como uma imaginação não santificada se opõe totalmente a Deus:

Não há menos contrariedade entre a regra da vida correta e a imaginação dos homens do que entre o fogo e a água. Saibamos, portanto, que nossa vida não pode ser formada corretamente, a menos que renunciemos às nossas próprias imaginações e simplesmente obedeçamos à voz de Deus; pois assim que nos rendemos às nossas próprias imaginações, necessariamente nos desviamos do caminho certo, que Deus nos deu a conhecer em sua Palavra. Este contraste, então, entre a lei de Deus e a imaginação ou a obstinação dos homens deve ser cuidadosamente observado.[13]

Um dos primeiros puritanos, Richard Sibbes, desenvolve caracteristicamente esta visão num capítulo intitulado “Da imaginação, do pecado e dos remédios para isso”, na sua obra *The Soul's Conflict*.

Entre todas as faculdades da alma, a maior parte das inquietações e problemas desnecessários de nossas vidas surge da vaidade e do mau governo daquele poder da alma que chamamos de imaginação e opinião, na fronteira entre os sentidos e nossa compreensão; que nada mais é do que uma apreensão superficial do bem ou do mal tirada dos sentidos... Esta nossa imaginação tornou-se sede de vaidade e, portanto, de aborrecimento para nós, porque apreende uma felicidade maior nas coisas boas exteriores do que existe.[14]

Ele é seguido por John Owen em sua obra *The Grace and Duty of Being Spiritually Minded*:

É o grande caráter e descrição da estrutura da mente dos homens em uma condição não regenerada, ou antes da renovação de suas naturezas, que “toda imaginação dos pensamentos de seus corações é apenas má continuamente”, Gênesis 6.5. Eles estão continuamente inventando invenções e imaginações em seus corações, estampando-as em pensamentos que são vãos, tolos e perversos. Segue-se, portanto, que “a prevalência das tentações” surge, “(1) Do poder anterior da luxúria nas afeições. Isso encherá a mente de pensamentos. O coração criará imaginações em conformidade com isso... (2) Eles surgem e são ocasionados por representações renovadas do objeto do pecado. E isto é duplo: [1] Aquilo que é real, como Acã viu a cunha de ouro e a cobiçou, Josué 7.21... [2] Imaginário, quando a imaginação, sendo contaminada ou infectada pela luxúria, representa continuamente o prazer do pecado e suas ações na mente; aqui os homens “fazem provisões para a carne, para satisfazer as suas concupiscências”, Rm 13.14. (3) Das sugestões de Satanás, que usa todos os seus ardis e artifícios para despertar pensamentos sobre o pecado ao qual a tentação leva.

O exercício da fé pode ser distinguido dos males da imaginação, portanto, desta forma: “A imaginação cria o seu próprio objeto; a fé encontra-se preparada de antemão”.^[15]

John Bunyan em sua obra *The Greatness of the Soul* concorda plenamente com esta postura puritana, quando expõe Tiago 1:15:

Assim você vê como o pecado está no movimento em que é transmitido pela Alma; Primeiro, ele entra na Fantasia ou Imaginação, pela qual é apresentado à Alma, a ponto de inflamá-la com o desejo de colocá-la em ação, então a partir desse desejo a Alma procede para o propósito de desfrutar, e do propósito de desfrutar para inventar como ou por quais meios seria melhor tentar realizá-lo. Mas, além disso, quando a Alma, até agora, por sua maldade, perseguiu o movimento do pecado para colocá-lo em ação, então, até a última coisa, a saber, os esforços para aproveitar a oportunidade, que pela invenção é considerada mais conveniente, de modo a esforçar-se, até que tenha acabado com o pecado, e terminado, ao terminar isso, sua própria terrível condenação.^[16]

SAIU UM DEUS

A posição puritana teve várias implicações. Os não regenerados não tinham nenhum guia confiável em assuntos espirituais provenientes de sua especulação intelectual. Ouça Matthew Poole em seu comentário sobre Jeremias 11:8 e 23:17:

Cada um seguiu a imaginação de seu próprio coração. Uma frase pela qual o pecado é frequentemente expresso nas Escrituras Sagradas, Deut. 29:19... Conseqüentemente, a santidade é estabelecida pela noção de abnegação, de não agradar a nós mesmos, de mortificar nossos membros, etc... Um curso pecaminoso é muitas vezes expresso nas Escrituras sob esta noção de seguir a

imaginação do nosso próprio coração... Ninguém tem um guia pior para suas próprias ações em seu estado decaído, antes da regeneração, do que seus próprios corações.[17]

De acordo com Stephen Charnock, é isso que leva à idolatria:

Não podemos compreender Deus; se pudéssemos, deixaríamos de ser finitos; e porque não podemos compreendê-lo, erigimos estranhas imagens dele em nossas fantasias e afeições... Colocamos em ação esse poder ativo da imaginação e surge um deus (um bezerro), que possuímos como uma noção de Deus... Existem tantas imagens esculpidas de Deus quanto mentes dos homens; e formas tão monstruosas quanto aquelas corrupções nas quais elas o transformariam. Daí surgiu: (1) Idolatria. Imaginações vãs surgiram pela primeira vez e mantiveram isso no mundo; (2) Conseqüentemente, toda superstição teve origem e crescimento; (3) Daí surge toda presunção, a doença comum do mundo.[18]

Esta questão da idolatria tinha sido um problema sério tanto para os reformadores quanto para os puritanos. O sermão de Calvino sobre Deuteronômio 4:15-20 é uma acusação contundente às imagens feitas pelo homem. O mal, afirma ele, originou-se

de sua própria imaginação... os homens se desviaram, ou melhor, desapareceram em suas próprias imaginações, e viraram todas as coisas de cabeça para baixo, e falsificaram a verdade de Deus, sempre que faziam qualquer falsificação dele, fosse na semelhança de homem ou de animal... não é aparente? que os homens são piores que loucos, quando precisam assumir a responsabilidade de moldar o ser de Deus, visto que nenhuma forma pode ser feita de suas próprias almas, que não são nada em comparação com ele?

Ele segue o mesmo tema mais tarde, ao pregar sobre Deuteronômio 6:20-25:

Nisto sabemos quão miserável é o estado dos papistas; pois eles são teimosos e obstinados em suas próprias imaginações. Se alguém lhes perguntar de quem eles têm suas superstições, eles dizem que seus pais são seus pais, eles dizem que são de longa antiguidade, eles dizem que é a moda comum de todo o mundo; mas enquanto isso eles não têm certeza de que suas ações agradam a Deus, ou que ele permite, ao passo que, na verdade, ao que Deus nos conduz é a que devemos ter certeza de que... não retenhamos nada que nos seja trazido por acaso [aleatoriamente], mas que a doutrina da nossa fé é a pura verdade.[19]

Esta atitude para com as imagens feitas pelo homem tornou-se uma característica distintiva do puritanismo, uma das questões nos assuntos da igreja que os tornou “preciosistas”, trabalhando por uma reforma mais completa. O *visual* pertencia à velha economia do trato de Deus com os homens; a ênfase de um dia do evangelho deveria ser verbal. Margaret Aston, tratando do século a partir de 1560, resume a sua posição assim:

Deus não poderia ser imaginado... A imagem foi substituída pela palavra. As representações visuais não deveriam ter lugar na adoração ou na crença; não podiam ensinar a fé nem, dado o perigo da sua mera presença nas igrejas,

podiam ser considerados ornamentos... Em maio de 1644, uma ordenança destinada “a melhor realizar a abençoada Reforma tão felizmente iniciada”, tomou em mãos para todo o país, além da limpeza das igrejas, a destruição de todas as imagens das pessoas da Trindade, de santo ou anjo, “em qualquer lugar aberto deste reino”... Cada vez mais parecia natural equiparar iconoclastas a puritanos.[20]

Daí as restrições de John Owen aos seus leitores piedosos:

Em seus pensamentos sobre Cristo, tenha muito cuidado para que eles sejam concebidos e dirigidos de acordo com a regra da Palavra, para não enganar suas próprias almas e entregar a conduta de suas afeições a imaginações vãs. As noções espirituais que atingiam as mentes carnis uma vez, por meio da superstição, arruinaram o poder da religião... homens... entregaram-se a muitas invenções e imaginações tolas, pelas quais pensavam expressar seu amor e conformidade com ele. Eles teriam imagens dele... crucifixos... Eles iriam em peregrinação ao lugar onde ele morreu e ressuscitou... Eles se esforçariam... por lançar suas almas em êxtases e entusiasmados, onde eles se imaginavam em sua presença... obtendo impressões de feridas nas laterais, mãos e pés.[21]

UM NARIZ DE CERA

Outra área onde a imaginação poderia causar estragos era a da hermenêutica. Interpretações fantasiosas foram uma marca registrada dos comentários católicos romanos. “A Igreja de Roma”, advertiu William Perkins em seu *Art of Prophesying* [A Arte de Profetiza, traduzido para o português pela editora *Monergismo*], obra de referência sobre esta disciplina entre os Puritanos, acredita que as passagens das Escrituras têm quatro sentidos: o literal, o alegórico, o tropológico e o anagógico. Uma ilustração disso pode ser encontrada na forma como a figura de Melquisedeque é entendida. Ele ofereceu pão e vinho a Abraão (Gênesis 14:18). O sentido *literal* é que o rei de Salém, com a comida que trouxe, refrescou os soldados de Abraão, que estavam cansados da viagem. O sentido *alegórico* é que o padre oferece Cristo na missa. O sentido *tropológico* é que devemos dar aos pobres. O sentido *anagógico* é que Cristo que está no céu será o pão da vida para os fiéis. Este padrão do significado quádruplo das Escrituras deve ser rejeitado e destruído. A Escritura tem apenas um sentido, o literal.[22]

William Tyndale, o reformador inglês, referiu-se a este, o sentido literal, como “a âncora que nunca falha”. [23]

Era verdade, porém, que este “significado gramatical das Escrituras, como sempre é o melhor e mais verdadeiro, às vezes é o mais difícil de ser encontrado...”[24] Mas a alternativa era ao mesmo tempo tola e perigosa: “Há apenas um sentido para um lugar das Escrituras; porque de outra forma o sentido das Escrituras não seria obscuro ou certo, mas nenhum; pois aquilo que não significa uma coisa, certamente não significa nada”.[25] É Samuel Rutherford quem expõe mais vividamente o perigo das múltiplas interpretações:

Se as Escrituras não são o juiz das controvérsias, colocando letra por letra, Escritura por Escritura (entendidas de acordo com o sentido gramatical natural e genuíno, que as palavras produzem sem restrição), então a Escritura é, como Escritura, e em seu sentido nativo, um nariz de cera, e não tem sentido nativo, mas devemos esperar um sentido alegórico espiritual mais elevado do que a letra pode suportar, e isso vem do Espírito. Dessa forma, não temos nenhuma regra de fé certa; os instáveis então podem legalmente distorcer as Escrituras para sua própria destruição.[26]

Isto foi particularmente relevante numa época em que numerosas seitas, entre elas os *Quakers*, afirmavam a superioridade da inspiração individual e subjetiva sobre a Palavra escrita de Deus.

O MESMO, MAS DIFERENTE

As figuras de linguagem requerem consideração mais específica, como John Ball sugere ao lidar com a alegoria: “De um lugar das Escrituras, há apenas um sentido próprio e natural, embora às vezes as coisas sejam expressas de tal forma que as próprias coisas significam outras coisas, de acordo com a ordenança do Senhor (Gálatas 4:22,24,34)”. [27] Edward Leigh tem a mesma passagem em vista em seu *Systeme ou Body of Divinity* :

Afirmamos que existem Alegorias, Anagogias e Tropologias nas Escrituras, mas estes não são muitos e diversos sentidos das Escrituras; mas diversas coleções de um sentido, ou diversas aplicações e acomodações de um sentido (Gálatas 4). O apóstolo não diz que existe um sentido duplo; mas que pode ser aplicado alegoricamente o que é historicamente estabelecido. Existe então apenas uma sensação do lugar; parte dela consiste na História, parte na Alegoria; de modo que todo o sentido está contido em ambas.[28]

Ambos estão seguindo Perkins:

Uma alegoria é apenas uma maneira diferente de expressar o mesmo significado... O principal intérprete das Escrituras é o Espírito Santo... O meio supremo e absoluto para a interpretação é a própria Escritura... Existem, no entanto, três meios subordinados para nos ajudar... a analogia da fé, as

circunstâncias da passagem específica e a comparação com outras passagens... Alegorias ou passagens marcadas pelo simbolismo literário devem ser expostas de acordo com o escopo ou foco do contexto.[29]

A imaginação também deve ser restringida se quisermos chegar a uma compreensão correta das parábolas. Dois dos primeiros puritanos reconhecem isso em suas obras. Richard Field trata da questão da ambigüidade no contexto:

Todas as alegorias... parábolas e discursos enigmáticos, que são usados nas Escrituras, não sendo verificados como a intenção do orador, ou o construção do ouvinte, na forma como as palavras se mostram, mas como significando coisas que se assemelham àquilo que elas significam, não sendo literais o que, pela comparação, nos fazem entender.[30]

E Richard Rogers discute a necessidade de uma exposição cuidadosa, em vez de desenfreada:

Nas parábolas, sabemos que não deve haver um acordo preciso com a verdade buscada em todas as circunstâncias, nem sentido extraído de cada palavra, mas o escopo e a substância devem ser observados e considerados. Por oliveira, portanto, videira e figueira, brevemente, ele se refere à família de Gedeão, que poderia ter sido empregada com lucro. Por Árvores em busca de um rei, ele se refere aos Siquemitas. Junto ao espinheiro – Abimeleque – que não serve para nada. E como o espinheiro, que é um dos piores arbustos do campo, não deve ser colocado acima de nenhuma das melhores árvores, para qualquer uso principal, mas é mais adequado para ser queimado, assim também Abimeleque não deveria ter sido preferido antes dos Filhos de Gedeão...[31]

Todas estas coisas pressupõem uma mentalidade humilde, cuidadosamente controlada pela Palavra de Deus que procurava compreender.

Uma parábola, “no sentido evangélico do termo”, diz Matthew Poole, “significa uma semelhança, tirada das ações comuns dos homens, e usada para nos informar sobre um ou mais pontos de doutrinas espirituais”. “Tinha”, continuou ele, “uma dupla vantagem”, como auxílio à memória, “sendo muito apto a lembrar histórias”, e também como estímulo à mente e aos afetos.³² William Greenhill, em seu comentário sobre Ezequiel 17:1-6, acrescenta alguns usos adicionais: “Para velar as coisas divinas e mantê-las secretas do conhecimento de espíritos profanos e iníquos... Para convencer, e isso fortemente... 2 Sm 12:1-7”. [33] Foram esses objetivos gêmeos, de *impressão* e *motivação*, que estiveram na origem do lançamento impresso de *The Pilgrim's Progress*, de Bunyan. Isso lhe deu criatividade e também urgência. Sua produção literária não poderia ser confinada ao molde puritano usual de comunicação verbal.

VERBAL E VISUAL

U. Milo Kaufmann reconhece isso astutamente em seu livro *The Pilgrim's Progress and Traditions in Puritan Meditation* [O Peregrino e as Tradições na Meditação Puritana]. Ele destaca o ponto de partida de Bunyan em relação aos seus colegas puritanos a este respeito:

Por que o puritano não colocou a imaginação sob controle e a domesticou usando-a? A resposta está implícita na orientação puritana em relação ao “logos”... O puritano provavelmente não meditaria sobre eventos da vida de Cristo, mas sim sobre doutrinas ou proposições específicas das Escrituras... O fervoroso calvinismo do Puritano obrigou-o a considerar o evento como secundário em relação à voz, ou vozes, falando no evento... Mas um Bunyan totalmente comprometido com o “logos” teria produzido um Peregrino drasticamente truncado, se é que o tivesse produzido.[34]

Bunyan reconheceu uma função legítima para a imaginação santificada, trabalhando com as matérias-primas da memória impregnada das Escrituras e com uma fidelidade intransigente à verdade de Deus. Kaufmann compara sua atitude com a de Perkins:

Para Bunyan, que liga sugestivamente a imaginação à memória, a verdade, armazenada na memória e agradável à imaginação, é, numa das suas espécies, a verdade da experiência reconstruída na meditação. Mas para Perkins a memória era, propriamente, um complemento da razão, e não da imaginação. Na verdade, Bunyan associa memória e imaginação de uma forma que sugere que ele muitas vezes preservou a experiência como imagem em vez de construção verbal, e esta tendência é confirmada pela evidência do seu trabalho que, como tem sido frequentemente observado, foi criado em termos de imagens.[35]

Neste ponto, Bunyan estava mais próximo de Agostinho do que a maioria dos puritanos, reconhecendo, como fez o santo de Hipona, o poderoso potencial da memória. Agostinho fala de

os campos e palácios espaçosos da minha memória, onde estão os tesouros de inúmeras imagens, trazidas de coisas de todos os tipos percebidas pelos sentidos... Pois essas coisas não são transmitidas à memória, mas apenas suas imagens são captadas com uma rapidez admirável e armazenadas, por assim dizer, em armários maravilhosos, e daí maravilhosamente produzidas pelo ato de lembrar.[36]

Mas foi a fidelidade inabalável de Bunyan à autoridade das Escrituras e sua exigência constante de que seus leitores também se comprometessem com a orientação bíblica de pensamento e prática que deram significado e valor permanentes às suas obras imaginativas.

Fantasia dentro dos devidos limites

Ao mesmo tempo, alguns dos contemporâneos puritanos de Bunyan concederam à imaginação um aspecto positivo. Stephen Charnock reconhece isso em seu “*Discourse of the sinfulness and cure of thoughts*” [Discurso sobre a pecaminosidade e a cura dos pensamentos], em Gênesis 6:5:

Geralmente é considerado pelos judeus como aquela fonte de pecado dentro de nós... Mas há dois lugares (se não mais), onde isso é interpretada no bom sentido: Isa 26:3, “cuja mente está firme”; e 1 Cr 29:18, onde Davi ora, para que a disposição de oferecer voluntariamente ao Senhor possa ser preservada nas “imaginações dos pensamentos do coração do povo”. Na verdade, na maior parte, é considerada como as más imaginações do coração, como Dt 31:21, Sl 103:14, etc.[37]

Também foram oferecidos conselhos para a recuperação da imaginação para uma utilidade adequada. Aqui está Charnock novamente:

Para suscitar bons pensamentos, (1) Consiga corações renovados... Uma razão santificada descobriria e envergonharia as nossas loucuras naturais... Até que o entendimento nasça do Espírito, João 3:6, ele se deleitará e não pensará em nada além de coisas adequadas à sua originalidade carnal; mas quando é espiritual, recebe novas impressões, novos raciocínios e movimentos, adequados ao Espírito Santo, de quem nasceu (2) Estude as Escrituras... (3) Reflita frequentemente sobre o estado de sua mente em sua primeira conversão... (4) Lastrei vossos corações com amor a Deus... (5) Exerça fé... (6) Habitue-se a uma meditação séria todas as manhãs... (7) Faça inferências espirituais a partir de objetos ocasionais.[38]

E Richard Sibbes tem opiniões semelhantes:

A maneira de curar esta doença em nós é: (1) Trabalhar para levar essas elevações de nossas almas à obediência à verdade e ao Espírito de Deus, 2 Co10:5... (2) Da mesma forma, é bom apresentar coisas reais à alma... Tudo o que existe no mundo não passa de sombras das coisas em comparação com as verdadeiras realidades que a religião proporciona... (3) Oponha-se em considerações sérias contra a imaginação vã... (4) É necessário que a nossa própria natureza seja mudada... Quando a lei de Deus, pelo Espírito, está escrita em nossos corações, de modo que a lei e nossos corações se tornam agradáveis um ao outro, então a alma se inclina e se torna maleável a todo bom pensamento... (5) Mesmo quando somos bons e planejamos coisas boas, ainda assim permanece no melhor de nós alguma doença de fantasia, por meio da qual criamos problemas para nós mesmos; e, portanto, é necessário que nos esforcemos para restringir e limitar a nossa imaginação, e parar essas águas no início, Pv 7:14, não abrindo o menor caminho para isso. Se ela começar a se tornar desenfreada, domine sua selvageria prendendo-a à cruz de Cristo... Se ela se libertar, pois em breve irá causar tumultos, ainda assim não dê o consentimento da vontade a isso. Embora tenha contaminado a memória, não deixe que contamine a vontade... (6) Preste atenção especialmente àquelas imaginações amaldiçoadas das quais, como de raízes maternas, outras brotam... (7) A fantasia será melhor mantida dentro de seus devidos limites, se considerarmos seu uso principal... (8) Da mesma forma, deveria ser nossa sabedoria colocar-nos na melhor conveniência de todas as ajudas externas, que

podem ter um tipo de ação em nossa imaginação; e prestar atenção ao contrário.[39]

Dentro de tais restrições, então, a imaginação tinha sua utilidade. Poucos pregadores poderiam se comparar aos puritanos em seu domínio da *arte da ilustração de sermões*. Eles fizeram isso por convicção, como Richard Rogers explica em seu comentário sobre o enigma de Sansão em Juízes 14:14:

Sansão... fez uso das obras de Deus, que ele considerou e observou. Pois, para seu grande benefício, ele reuniu um enigma e, com isso, levantou uma questão sobre a obra de Deus com o leão, que era um meio de impedir muitos males entre eles. Portanto, cabe a nós observar as coisas que acontecem diariamente (que todas acontecem pela providência de Deus) e seu trato nelas e por meio delas, para que possamos obter sabedoria com isso e nos beneficiar delas... Os pregadores reúnem semelhanças com base nas coisas que veem, lêem e ouvem, para ilustrar o que proferem em seus sermões ao povo...”[40]

Suas analogias e ditos são muitas vezes marcantes e memoráveis. Aqui está Jeremiah Burroughs:

Aqueles que estão contentes estão preparados para receber misericórdia do Senhor. Se você quiser que um recipiente leve qualquer bebida alcoólica, você deve mantê-lo imóvel. ... Então, se nós... desejamos que o Senhor derrame sua misericórdia sobre nós, devemos ter corações quietos e tranquilos. Não devemos ter corações correndo para cima e para baixo em problemas, descontentes e vexatórios, mas corações calmos e tranquilos.[41]

E Thomas Manton, em sua exposição magistral do Salmo 119, expondo o filho de Deus como “uniforme tanto em um lugar quanto em outro”; “O hipócrita é melhor quando é feito em pedaços; mas um homem sincero é melhor quando é considerado como um todo. Um cristão é sempre igual a si mesmo”.[42] E agora Thomas Brooks, de quem Charles Spurgeon disse, “ele espalha estrelas com ambas as mãos”, falando das “propriedades da fé”: “O que o óleo é para as rodas, o que os pesos são para o relógio, o que as asas são para o pássaro, o que as velas são para o navio, essa fé é para todos os deveres e serviços religiosos, exceto se for inverno na alma”.[43] Agora, uma citação mais longa, do sermão da “língua de prata” de Henry Smith sobre Eclesiastes 11:9, “A trombeta da alma soando para julgamento”:

Imagine que você vê um pecador indo para o inferno, e seu invocador fica boquiaberto com ele, seus conhecidos olham para ele, os anjos gritam com ele, e os santos riem dele, e os demônios o insultam, e muitos o olham na cara; e aqueles que disseram que viveriam e morreriam com ele o abandonaram e o deixaram pagar todas as contas. Então Judas restituiria seus subornos. Esaú prepararia seu guisado. Acã jogaria fora seu ouro e Geazi recusaria seus presentes. Nabucodonosor seria mais humilde. Balaão seria fiel e o filho pródigo seria manso... A consciência culpada não pode suportar este dia... Acho que se

houvesse uma coleta geral feita em todo o mundo para que não houvesse o Dia do Julgamento, então Deus seria tão rico que todo o mundo iria mendigar e seria como um deserto devastado.[44]

E, finalmente, um ditado conciso de John Flavel: “Algumas providências, como as letras hebraicas, devem ser lidas de trás para frente”. [45]

ESPIRITUALIZAR AS COISAS TERRENAS

As palavras-chave aqui são significativas: “se... então”, “imaginar” e “gostar”. As comparações são feitas com base em ocorrências naturais, experiências familiares, incidentes bíblicos, usos culturais, e assim por diante, com o objetivo de tornar ideias abstratas identificáveis como reais. Por uma extensão natural, esta prática produziu um imenso corpo de literatura puritana que espiritualizou objetos percebidos pelos sentidos para fins espirituais. Uma das obras devocionais puritanas mais monumentais foi o *Descanso Eterno dos Santos*, [traduzido para o português pela editora PES] de Richard Baxter, cuja Parte IV é “*Diretriz para obter e manter o coração no céu*”. Aqui Baxter tem o seguinte a dizer:

Vocês podem abrir suas Bíblias e ler sobre Deus e sobre a glória; Ó, aprenda a abrir as criaturas e a abrir as diversas passagens da providência, para ler sobre Deus e a glória ali. Certamente, por meio de um aperfeiçoamento tão hábil e diligente, poderíamos ter um sabor mais pleno de Cristo e do céu em cada pedaço de pão que comemos e em cada gole de cerveja que bebemos, do que a maioria dos homens tem no uso do sacramento.[46]

São sentimentos ecoados por Stephen Charnock ao tratar da “cura dos pensamentos”:

Recolha matéria de instrução para si mesmo e louvor ao seu Criador, de tudo que você vê; será um grau de restauração a um estado de inocência, uma vez que esta foi a tarefa de Adão no paraíso. Não se detenha em qualquer objeto criado apenas como um virtuoso, para satisfazer sua curiosidade racional, mas como um cristão, convoque a religião para a festa e faça um aprimoramento espiritual. Nenhuma criatura pode encarar nossos olhos, mas nos proporciona lições dignas de nossos pensamentos, além da noção geral do poder e da sabedoria do Criador. Assim, a ovelha pode nos ler um sermão de paciência, a pomba de inocência, a formiga e a abelha nos enrubescem por nossa lentidão, e o boi estúpido e o burro estúpido corrigem e envergonham nossa ignorância ingrata, Is 1:3. E uma vez que nosso Salvador apresentou sua própria excelência de maneira sensata, a consideração dessas metáforas com uma imaginação aguçada enfeitaria as verdades divinas de maneira mais delirante e nos conduziria a um conhecimento mais interior dos mistérios do evangelho... Assim, um comerciante pode espiritualizar o assunto em que trabalha e fazer com que suas mercadorias sirvam para sua mente em meditações benéficas e,

ao mesmo tempo, enriquecer sua alma e seus cofres... Tal visão das verdades espirituais em imagens sensatas limparia nosso conhecimento, purificaria nossas fantasias, animaria nossas afeições, encorajaria nossas graças, desonraria nossos vícios, e ao mesmo tempo argumentaria e nos envergonharia no cumprimento do dever; e assim eliminaria todas as causas de nossos pensamentos selvagens e errantes de uma só vez. E um exercício frequente deste método geraria e apoiaria o hábito do pensar bem e enfraqueceria, se não expulsasse, o hábito do pensar mal.[47]

Outros também se mostraram entusiasmados e abertos na recomendação deste uso da imaginação. Aqui está George Swinnock:

Se você quiser se exercitar na piedade na solidão, trabalhe para espiritualizar as coisas terrenas... Esta é uma das artes mais excelentes e enriquecedoras do Cristianismo... Aquele que aprendeu este mistério é o verdadeiro químico; ele deixa a escória das coisas e extrai a substância e a quintessência delas... Se você caminhar em seu jardim, poderá transformá-lo em um Éden por meio de meditações deliciosas. Se você contemplar as flores em suas fileiras, que bela exibição elas fazem, você pode pensar que visão adorável é ver os cristãos continuando naqueles vários lugares e estações que Deus os estabeleceu. Algumas flores abrem e fecham com o sol, assim o cristão observa o brilho e o afastamento do Sol da justiça... Posso, com Sansão, obter mel e doçura através de meditação ocasional, da carcaça de cada criatura. O mundo inteiro é uma vasta biblioteca, e cada criatura nele é um livro diverso, onde aquele que corre pode ler o poder, a bondade e as infinitas perfeições de seu Criador, Rm 1:21.[48]

A matéria para este exercício útil pode ser encontrada tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, como testemunham os comentários de William Greenhill sobre passagens de Ezequiel:

O Senhor trata com o seu povo não apenas pela sua palavra, mas também por sinais e tipos... Junto ao arco-íris... a circuncisão, o cordeiro pascal, as vestes do sumo sacerdote, as pedras no peito de Arão, a aspersão de sangue, tudo isso significava e tipificava algo para o povo... E assim todas as parábolas do Antigo e do Novo Testamento expressam a mente de Deus... e o Senhor o faz, porque os tipos e as figuras tornam a verdade mais evidente e eficaz. A palavra afeta o ouvido; tipos e figuras afetam os olhos e carregam consigo uma eficácia maior do que a linguagem simples e clara... A igreja de Cristo é prefigurada nas Escrituras e apresentada por coisas visíveis. Às vezes pela arca de Noé, como 1 Pe 3:20; às vezes perto de uma montanha, como Is 2:2; às vezes por uma vinha e videira, Is 5:1; Sl 80:8,9; às vezes por uma cidade, Sl 122:3; Ap 21:2; às vezes de navio, Lc 5:3; às vezes por um castiçal, Ap 1:20; às vezes perto de um pombal, Is 60:8; às vezes perto de um jardim e perto de uma fonte, Ct 4:12; às vezes por um pássaro, Os 11:11; às vezes por um rebanho e uma dobra, Sl 78:52; João 10:16; às vezes perto de um templo, 2 Co 6:16. Todas estas são coisas visíveis e estabelecem eminentemente a visibilidade da igreja.[49]

Sibbes faz o mesmo com o Novo Testamento:

Devemos tornar nossa fantasia útil para nós nas coisas espirituais... E visto que Deus condescendeu em representar as coisas celestiais para nós sob termos terrenos, devemos seguir o procedimento de Deus aqui. Deus representa o céu para nós sob os termos de um banquete e de um reino, etc., Lucas 1.32; nossa união com Cristo sob o termo de um casamento... Aqui está um grande campo

para a nossa imaginação caminhar, não apenas sem ferimentos, mas com muito ganho espiritual... Uma fantasia santificada fará de cada criatura uma escada para o céu... Embora a alma esteja unida ao corpo, ela tem não apenas um uso necessário, mas também sagrado, da imaginação e das coisas sensíveis, sobre as quais nossa imaginação trabalha. Qual é a utilidade dos sacramentos senão ajudar as nossas almas pelos nossos sentidos e a nossa fé pela imaginação? Assim como a alma recebe muitos danos da imaginação, ela pode obter muito bem com isso. Mas ainda assim não deveria inventar ou conceber o que é bom e verdadeiro na religião. Aqui a fantasia deve ceder à fé, e a fé à revelação divina. As coisas em que acreditamos... estão acima, não apenas da imaginação, mas da própria razão... Mas depois que Deus revelou as verdades espirituais, e a fé as apreendeu, então a imaginação pode ser usada, enquanto a alma está unida ao corpo, para colorir as verdades divinas e tornar claro aquilo em que a fé acredita.[50]

Para os puritanos, a revelação divina era anterior, reguladora e produtiva para uma imaginação piedosa.

A espiritualização das coisas naturais é claramente reconhecida pelos escritores puritanos como conducente ao progresso espiritual e à maturidade. Como sugere Keeble, foi uma prática continuada por uma geração posterior de escritores puritanos:

Os não-conformistas continuaram, como fizeram os puritanos, a encorajar a observação e a meditação sobre a criação como uma segunda revelação, e a ler este “livro das criaturas” como uma série de metáforas, exemplos e alegorias... “Espiritualizar todos os objetos e ordenanças exteriores” era restaurar ao mundo natural sua vitalidade e beleza. Era percebê-lo imaginativamente.[51]

Obras dessa natureza tinham títulos como estes: *The Husbandman's Companion*, contendo 100 meditações ocasionais adequadas a homens dessa profissão, 1677, de Edward Bury; *O livro de bolso do tecelão, ou tecelagem espiritualizada*, 1675, de John Collinges; *O Químico Espiritual; ou Seis Décadas de Meditações Divinas*, 1666, de William Spurstowe; e *Trading Spiritualized*, em quatro partes 1694-96, de William Bagshaw.

John Flavel escreveu dois desses livros, *Husbandry Spiritualized: or, The Heavenly Use of Earthly Things* [Agricultura espiritual: ou, O Uso Celestial das Coisas Terrenas], Londres, 1669, e *Navigation Spiritualized: or, A New Compass for Seamen* [Navegação Espiritualizada: ou, Uma Nova Bússola para o Marinheiros] Londres, 1677. “*The Epistle Dedicatory*” no primeiro desses conjuntos expôs suas convicções sobre esse tipo de escrita:

Já se observou há muito tempo que o mundo abaixo é um espelho para descobrir o mundo acima... as criaturas irracionais e inanimadas, assim como as racionais, têm uma linguagem; e embora não por meio de discurso articulado,

ainda assim, em sentido metafórico, eles pregam ao homem a sabedoria, o poder e a bondade de Deus... Deus dotou as criaturas de uma utilidade espiritual e também terrena... visto que elas carregam as figuras e semelhanças de muitos mistérios sublimes e celestiais... As noções são mais facilmente transmitidas ao entendimento, sendo primeiro revestidas de algumas semelhanças adequadas e, assim, representadas aos sentidos. E, portanto, Jesus Cristo, o grande Profeta, deleitava-se muito em ensinar por meio de parábolas; e os profetas também eram muito assim, Os 12:10.

Uma amostra do segundo trabalho ilustrará a natureza prática do seu ensino:

Se os marinheiros perderem um vendaval, lá poderão ficar;

A Alma, uma vez acalmada, no pecado pode morrer.

Observação. Os homens do mar estão muito atentos para aproveitar a oportunidade do vento e da maré, e isso os preocupa muito; a negligência de algumas horas às vezes os faz perder a passagem e se revela um grande prejuízo para eles... Aplicação. Há também estações e vendavais de graça para as nossas almas; oportunidades de ouro de Salvação proporcionadas aos homens, cuja negligência prova a perda e a ruína da alma.[52]

John Downname fala do “grande volume das criaturas e do livro das Sagradas Escrituras, em ambos os quais há abundante assunto para meditação”, e acrescenta esta qualificação:

Nem deve este conhecimento ser apenas especulativo e teórico, mas também um conhecimento salvífico frutífero, que santifica o coração, e trabalha ele e todas as outras partes para uma prática santa, sem a qual este exercício não pode ser feito com proveito e como deveria... Neste exercício procuramos principalmente o bem, que é o objeto da vontade, e não a verdade, que é o objeto do entendimento; e ser tornado mais santo, em vez de mais erudito... Portanto... empreguemos a maior parte de nosso tempo e esforço, trabalhando assim em nossas vontades, corações e afeições, para mais pureza e santidade, que é o objetivo principal deste exercício... Leve essas verdades da cabeça ao coração.[53]

DA CABEÇA AO CORAÇÃO PELA MEDITAÇÃO

A meditação, para os puritanos, era uma disciplina espiritual incomparável em seus benefícios. Devidamente ordenada, punha em funcionamento todas as faculdades da alma: mente e memória, imaginação e consciência, afetos e vontade. Baseava-se nas Escrituras e na experiência, envolvia oração e trabalho, produzia piedade e deleite. Ezekiel Culverwell exalta suas vantagens assim:

Por falta disso, os filhos de Deus mancam em seu conhecimento e carregam o fogo do zelo em um coração duro, que, a menos que seja martelado, não produzirá uma faísca para aquecer e animar suas afeições entorpecidas e congeladas pela adoração e serviço de Deus e a aceitação sincera de sua verdade... A meditação aplica, a meditação cura, a meditação instrui. Se você

ama a sabedoria e a bem-aventurança, medite na lei do Senhor dia e noite, e então faça uso dessas meditações para vivificá-lo no dever e adoçar seu coração em seu caminho para a Jerusalém celestial.

Um dos melhores exemplos deste tipo no período Puritano foi escrito pelo Bispo de Norwich, Joseph Hall, com o título *Contemplações*, e foi recomendado por Baxter "para paz, e conforto, e aumento do amor de Deus". [54]

Embora os puritanos não estivessem sozinhos na produção de manuais de meditação, eles se distinguiam pela insistência na iniciativa anterior de Deus, tanto através de sua Palavra objetiva, quanto na orientação subjetiva da alma.[55] Uma declaração típica é encontrada no sermão de Manton sobre o Salmo 119:15:

Meditação não é para encher a cabeça de noções, mas para melhorar o coração. Meditamos em Deus, para que possamos amá-lo e temê-lo; no pecado, para que possamos abominá-lo; no Inferno, para que possamos evitá-lo; no Céu para que possamos persegui-lo... Uso I: Para reprovare aqueles que raramente participam deste trabalho. Os cuidados mundanos, a preguiça e a facilidade nos divertem; se tivéssemos coração, teríamos tempo e lazer. Os animais puros ruminavam... Mas, infelizmente (1) ou os homens meditam sobre ninharias; o dia todo suas mentes estão cheias de palha e vaidade... (2) ou então os homens meditam sobre o que é mau... Impureza... Vingança... Inveja... Orgulho... Cobiça... Uso II: para nos pressionar a meditar nos preceitos de Deus.[56]

Isto exige trabalho, aplicação e vigilância:

Agora a meditação deve olhar através e chegar rapidamente ao coração, e fazer com que a verdade mergulhe nos lugares profundos da alma. Quando a madeira é dura, o trabalhador não pode cravar o prego com o peso da mão; não, ele deve martelá-lo. A meditação é o martelar do coração.[57]

A aplicação implica constância e persistência, como insiste William Bates quando recomenda a meditação como

muito vantajosa; você conhece um jardim que é regado por chuvas repentinas, é mais incerto em seus frutos do que quando é refrescado por um fluxo constante; então, quando nossos pensamentos às vezes estão em coisas boas e depois fogem; quando eles apenas olham (por assim dizer) para objetos sagrados e depois fogem; não há frutos trazidos para a alma como quando nossas mentes, pela meditação, residem neles. Os raios do Sol podem nos aquecer, mas não inflamam a menos que sejam intensificados por uma lente [lupa] acesa; portanto, alguns pensamentos leves sobre coisas celestiais podem nos aquecer um pouco, mas nunca inflamarão a alma, até que sejam corrigidos pela meditação cuidadosa. Portanto, Davi (que era um homem excelente neste dever) nos diz que seu Coração estava firme, e diz o mesmo a respeito da estrutura de um homem bom. (Salmo 112:7).[58]

Se quisermos ter uma mente verdadeiramente espiritual, Owen insiste, em primeiro lugar, entre outras coisas, que uma "vigilância contínua deve ser

mantida dentro e sobre a alma contra as incursões de pensamentos e imaginações vãs, especialmente nas épocas em que são capazes de obter vantagem”.[59]

Os crentes, então, sugeriram os puritanos, têm um remédio para pensamentos desviados e imaginações malignas. Eles devem estar em guarda contra eles, subjugá-los e rejeitá-los imediatamente. Da mesma forma, como antídoto para a lentidão na meditação celestial, o crente deve prosseguir através do véu que separa o conhecimento e a intimidade com Deus. Deve haver uma mente disciplinada para permanecer na Palavra e nas promessas de Deus, afeições que sejam estimuladas e encorajadas a abraçar os objetos celestiais, e uma vontade posta em conformidade com Deus e o céu. Acima de tudo, a verdadeira meditação é um ato de fé, como Owen deixa claro:

O fim que Deus deseja é atrair nossos corações e afeições para si; e para esse fim ele nos dá uma luz interna gloriosa, por meio da qual podemos discernir a verdadeira natureza das coisas às quais devemos nos apegar com amor e deleite. Sem essa luz, teríamos apenas imagens falsas das coisas espirituais em nossas mentes; não necessariamente em relação à verdade ou doutrina sobre elas, mas quanto à sua realidade, poder e eficácia. Este é um dos principais efeitos da fé, pois é a parte principal da renovação de nossas mentes, - a saber, descobrir (revelar) na alma e representar aos afetos as coisas espirituais e celestiais, em sua natureza, beleza, e excelência genuína.[60]

OUTRA FORMA DE VER

Mas que tipo de representação é essa? O que são “coisas espirituais e celestiais”? Baxter responde falando de outra forma de “ver”:

Ai de mim! Senhor, não é todo o aprendizado do mundo; não, nem mesmo da teologia, que consiste no conhecimento de palavras e métodos, que posso considerar como a luz celestial satisfatória. Saber o que escreveste no livro sagrado não é suficiente para me fazer conhecer meu glorificado Salvador, meu Pai e meu lar. Deve ser uma luz do céu que deve me mostrar o céu, e uma luz acompanhada de calor vital que deve se transformar em amor e alegria dentro de mim. Ó, deixe-me não apenas ter conhecimento sonhador de palavras e sinais, mas luz vivificante, para mostrar as coisas que essas palavras significam para minha mente e coração. Certamente, a fé pela qual devemos viver deve ser uma fé viva e deve ir além das palavras, por mais verdadeiras que sejam. A fé pode viver na escuridão? O que é isso senão um efeito da tua iluminação?... Ouvir falar de ti não é satisfatório para mim; deve ser a presença e a operação da tua luz e amor, derramada pelo teu Espírito em meu coração, que deve aquietar e contentar minha alma... A fé não é uma graça que vê? Pode ver o Deus invisível, o mundo invisível, a nova Jerusalém, os inumeráveis anjos e os espíritos dos justos aperfeiçoados, se for animada pelo teu influxo... Não é o

paraíso na terra que estou implorando, mas que eu possa vê-lo do monte Nebo e ter o cacho de uvas, o penhor e as primícias.[61]

Foi o exercício dessa “graça de visão” da fé que Baxter instou em seu livro *Saints Everlasting Rest* [Descanso Eterno dos Santos]. Este foi o veículo para transportar o cristão aos reinos celestiais para ver o “descanso” que resta para o povo de Deus mencionado em Hebreus 4:9. A imaginação, santificada pela graça, guiada pelas Escrituras, foi transportada pela fé para o reino das “coisas de cima”, para elevar a mente, despertar os afetos e satisfazer a alma.

O principal uso da meditação, então, era refletir sobre as coisas que estão acima, as coisas celestiais do reino eterno de Cristo, tanto em experiência quanto em perspectiva. Embora os vejamos apenas parcial e imperfeitamente, o dever e o privilégio do crente ainda é olhar com adoração para esses objetos, por mais misteriosos que sejam. Ouça John Owen definir o escopo da meditação do crente:

A noção principal que as Escrituras nos dão do estado de bem-aventurança celestial... é que a fé se transformará em vista e a graça em glória... Qual é, então, o principal objeto atual da fé, visto que é evangélica, em cujo espaço a visão deve ter sucesso? Não é a manifestação da glória da infinita sabedoria, graça, amor, bondade e poder de Deus em Cristo, a revelação dos conselhos eternos de sua vontade e os caminhos de sua realização, para a salvação eterna da igreja, nele e por ele, com a exaltação gloriosa do próprio Cristo? Portanto, na representação plena e satisfatória destas coisas para nossas almas, recebidas pela vista, ou por uma intuição direta e imediata delas, consiste principalmente a glória do céu. Nós as contemplamos agora obscuramente, como num espelho – esse é o máximo que pela fé podemos alcançar; no céu elas serão exibidas aberta e totalmente.[62]

Inquestionavelmente, porém, foi Baxter quem se destacou na reflexão sobre o céu e levou as fronteiras da imaginação aos seus limites bíblicos. Uma citação de *The Saints Everlasting Rest* confirmará isso:

Será... uma ajuda singular para a promoção da obra da fé, para chamar, no nosso sentido, a sua assistência... É muito considerável como o Espírito Santo... expõe as excelências das coisas espirituais em palavras que são emprestadas dos objetos dos sentidos... Fazemos uso dessas frases do Espírito para vivificar nossas apreensões e afeições, mas não para pervertê-las; e use essas noções baixas como um vidro, no qual devemos ver as próprias coisas, embora a representação seja extremamente imperfeita, até chegarmos a uma visão perfeita... Vá então, quando você se preparar para meditar nas alegrias acima, pense nelas com ousadia, como as Escrituras as expressaram; reduza suas concepções ao alcance dos sentidos... Eu não gostaria que vocês, como os papistas, as desenhassem em imagens, nem usassem tais formas para representá-las. Este, como é um caminho proibido por Deus, apenas seduziria e abateria o seu coração; mas tenha em sua mente a imagem mais viva que puder.. até que você possa dizer: Acho que vejo um vislumbre da glória; creio que ouço gritos de alegria e louvor; creio que estou ao lado de Abraão e Davi,

Pedro e Paulo, e mais dessas almas triunfantes; acho que até vejo o Filho de Deus aparecendo nas nuvens... Assim, leve seu coração para a terra da promessa, mostre-lhe as colinas agradáveis e os vales frutíferos; mostre-lhe os cachos de uvas que você colheu; e por aqueles seja convencido de que é uma terra abençoada, que mana algo melhor do que leite e mel; entre pelas portas da cidade santa, caminhe pelas ruas da nova Jerusalém, caminhe por Sião. Contorne-a, conte as suas torres, marque bem os seus baluartes, considere os seus palácios, para que o contes à tua alma, Sl 48:12,13.[63]

Baxter não foi o único a encorajar a reflexão sobre o céu. Sibbes e Rutherford são quase iguais:

Deveríamos nos consolar muito e frequentemente com a meditação aqui contida, abstraindo nossas mentes deste mundo; e como Gênesis 13.17, quando o Senhor fez uma promessa a Abraão da terra de Canaã, ele ordenou que ele se levantasse e caminhasse pela terra em toda sua extensão e largura, visto que Deus nos prometeu o céu, embora estejamos não em posse real, como estaremos, mas devemos levantar-nos frequentemente e caminhar por esta terra... isto é, medite e pense na glória e excelência insuperáveis do lugar.[64]

Rutherford é mais urgente e não menos convincente: “Ame o céu; deixe seu coração estar nele. Suba, suba e visite a nova Terra e veja a bela Cidade, e o Trono branco, e o Cordeiro, o Marido da noiva em Suas roupas de Noivo, sentado nele.”[65]

COLOQUE FOGO NA ÁGUA

Se Baxter se destacou em suas visões do céu, outros também produziram obras de imaginação espiritual criativa que foram ampla e duradouramente úteis. Quem pode se comparar a Samuel Rutherford em termos de consolo? Seu ministério era pessoal, conduzido por meio de escrita de cartas, mas a correspondência é incandescente com conselhos vivos e imaginativos. Tomemos estes exemplos:

Temo adorar Seu conforto mais do que a Ele mesmo, e amar mais as maçãs da vida do que a árvore da vida... um calor maior para apagar um fogo menor, é um bom remédio para algumas queimaduras. Quando Cristo tira sangue, Ele tem habilidade para furar a veia certa... Sei que Cristo não é obrigado a deixar-me ver os dois lados da minha cruz e a virá-la para que eu possa ver tudo. Minha fé é mais rica se viver com crédito e com o dinheiro emprestado de Cristo, do que ter muito em mãos... Eu sei que é nosso pecado termos santificação no lado ensolarado da colina, e santidade com nada além do verão, e sem nenhuma cruz.[66]

O comentário de Greenhill sobre Ezequiel está repleto de aplicação direta e cotidiana, combinando fidelidade ao texto com ilustração imaginativa:

Alguns peixes nadam constantemente contra a corrente. Tais são os verdadeiros cristãos, nadam contra a corrente, não são guiados pela multidão. Existem várias correntes, uma de profanação, outra de bajulação, um terço de superstição, um quarto de mornidão e formalidade, um quinto de política carnal, um sexto de egoísmo; contra todos estes, e muitos outros, o cristão sincero nada e rema diariamente... Obs. 4. As águas do santuário contêm virtudes curativas e vivificantes. Para onde eles vieram, as águas foram curadas e tudo viveu... As pessoas nas Escrituras são comparadas às águas, Ap 17:1,15; mas são águas desagradáveis e corruptas, como o Mar Morto, emitindo vapores nocivos; mas quando a doutrina do evangelho chega com poder, com os méritos de Cristo e as graças do Espírito, ela purifica a mente de erros infecciosos, a consciência das obras mortas, o coração das concupiscências vis e a vida das práticas vis, e gera vida na alma morta... Obs. 6. Os pregadores do evangelho são pescadores... Marcos 1:17. Os homens são os peixes e o evangelho é a rede; as promessas são a isca e os pregadores são os pescadores.[67]

George Swinnock aplica os mesmos dons em sua obra, *The Christian Man's Calling* [O Chamado do Homem Cristão]:

*A preparação é necessária antes da oração... As coisas que promoverão o dever são a meditação e o despertar da graça... A meditação prepara a alma para a súplica; a meditação enche a alma com boa bebida, e então a oração a aborda e a coloca em funcionamento... A oração é uma construção que alcança o céu; a meditação envolve todos os materiais caros necessários... Verdadeiramente o teu dever é ler Deus no primeiro livro, o livro das criaturas; e mais especialmente no segundo, em Jesus Cristo... Quando o seu coração estiver endurecido como cera, traga-o através da meditação para os raios quentes deste sol, e eles o suavizarão... Considere também a palavra de Deus... A meditação para a palavra é o que o fogo é para a água; embora a água seja naturalmente tão fria, coloque fogo sob ela, e isso a tornará quente e fervendo.*⁶⁸

Seja para o ministério de conforto, para a exposição das Escrituras ou para a vivacidade na oração, o discurso imaginativo foi imensamente eficaz.

Após o Ato de Uniformidade de 1662, quando muitos puritanos não podiam mais pregar, dedicaram suas energias à escrita. Com a mesma paixão meticulosa pela clareza, eles transpuseram suas ministrações de púlpito para emissários de papel. Eles estavam respondendo na vida real à incumbência do Príncipe ao povo de *Alma Humana* na cena final imaginária de *Guerra Santa*, de Bunyan: “Não debes pensar que sempre viverás pelos sentidos: debes viver pela Minha Palavra. Deves acreditar... quando Eu estiver longe de ti, que ainda te amo e te guardo no Meu coração para sempre”.

Este estudo procurou mostrar que sua pregação e seus escritos não apenas satisfizeram a mente, mas também sitiaram o coração. O que fizeram, fizeram com toda a personalidade, intelecto, carinho, vontade, sim, e imaginação também. Dessa forma, eles aproximaram o céu das almas dos homens e [levaram]

as almas dos homens mais perto do céu. Era um objetivo no qual eles acreditaram e pelo qual viveram e morreram.

1. John Bunyan, *The Pilgrim's Progress* (Edimburgo: Banner of Truth, 1977) xi, xii. Desejo reconhecer minha dívida para com dois livros em particular na preparação deste artigo. Neil H. Keeble, *Culture of Nonconformity in Later Seventeenth Century England* (Leicester: Leicester University Press, 1987), é uma mina de informações e destaca áreas significativas de interesse puritano; *The Pilgrim's Progress and Traditions in Puritan Meditation*, de U. Milo Kaufmann (New Haven, Connecticut: Yale, 1966), é um estudo estimulante e instigante, com implicações que vão além da contribuição de Bunyan.
2. Michael Mullett, *John Bunyan in Context* (Keele, England: Keele University Press, 1996), 192. “Bunyan, tendo como parte do preço de seu segundo nascimento jogado sobre o material dos romances, fez uso de seu aparato cênico para adornar, explique e alegorize o esquema reformado de salvação... A história de Bunyan não é do tipo de parábola, isto é, uma narrativa contendo verdades permanentes apresentadas por meio da vida cotidiana ou real; em vez disso, *The Pilgrim's Progress* é uma alegoria baseada na fantasia.”
3. *O Progresso do Peregrino*, vi, vii, ix.
4. *Literary Culture*, 153-55. A citação de Bunyan é de *The Miscellaneous Works of John Bunyan*, editado por Roger Sharrock. (Oxford: The Clarendon Press, 1976), 9:254.
5. Marcus L. Loane, *Makers of Religious Freedom in the Seventeenth Century* (Londres: InterVarsity, 1960), 139. Cf. John R. Knott, Jr., “Tu deves viver de acordo com a minha Palavra”, em *John Bunyan: Conventicle and Parnassus*. Editado por Neil H. Keeble. (Oxford: The Clarendon Press, 1988), 161, 164. “Bunyan sentiu-se particularmente atraído pelo potencial dramático das histórias bíblicas e mostrou um dom notável para elaborá-las de modo a torná-las simples e imediatas... Lemos Bunyan agora não porque ele pudesse produzir leituras tipológicas engenhosas das Escrituras, como muitos de seus contemporâneos, mas

porque ele tinha um gênio para usar a metáfora bíblica e a linguagem bíblica para criar obras duradouras da imaginação, mais notavelmente *O Progresso do Peregrino* e *Guerra Santa*."

6. *Literary Culture*, 146. Cf. Valentine Cunningham, "Glossing and dozing: Bunyan and Allegory" em *John Bunyan: Conventicle and Parnassus*, 227: "A atividade textual que ocorre nas margens de Bunyan é oferecida, de fato, como um conjunto de chaves para os mistérios enunciados pelo texto, uma janela aberta para as figuras e alegorias que o texto comercializa." O título do trabalho de Reach continua: *Desde o início do mundo até os dias atuais; em uma alegoria adequada e agradável, mostrando os problemas, oposições, reprovações e perseguições que ele encontrou em todas as épocas*. O capítulo 9 da obra é encontrado em Dewey D. Wallace, Jr., *The Spirituality of the Later English Puritans: An Anthology* (Macon, Georgia: Mercer University Press, 1987), 172-78. Wallace acredita que a alegoria de Reach "tem muito em comum com as de Bunyan tanto na forma quanto nas ideias, mas carece da habilidade literária de Bunyan" (172).
7. "Ao Leitor" em *A Guerra Santa*.
8. Roger Sharrock, editor da edição da Universidade de Oxford das obras de Bunyan, chega a dizer que ocasionalmente há "partes da narrativa em que Bunyan mostra uma tendência surpreendente de jogar fora sua ficção, de apresentar suas próprias metáforas, sem deixar isso ao leitor... Às vezes, isso pode ser encontrado nas notas marginais que não são referências bíblicas... Talvez o mais divertido desses exemplos de conflito entre a fábula e o significado teológico obstinado seja quando Cristão consegue para si e para Esperança a fuga do Castelo da Dúvida... 'Eu tenho uma chave no meu peito chamada Promessa...'" *Life and Story in The Pilgrim's Progress* (Friends of Dr. Williams's Library, Thirty-second Lecture, 1978), 22. Publicado por Dr. Williams's Trust, 14 Gordon Square, Londres WC1H OAG.
9. Richard L. Greaves, ed., *John Bunyan, The Greatness of the Soul* (Oxford: The Clarendon Press, 1981), 194-95.
10. Referindo-se também a *Paraíso Perdido*, de John Milton, um escritor conclui: "Em suas tentativas de inculcar conflitos em seus leitores e levá-

los à resolução desses conflitos, Milton e Bunyan aproveitam a utilidade das adversidades literárias e exploram as oportunidades didáticas criadas pela ficção em a fim de ensinar aos seus leitores a arte da guerra santa discutida nos muitos tratados teológicos escritos durante este período. Ao fazê-lo, aproveitam o que consideram ser o verdadeiro poder da sua arte... a fim de criar o potencial para o crescimento espiritual. Desta forma, estas ficções superam o valor didático dos tratados que procuram ensinar apenas através da doutrina.” Arlette M. Zinck, “Doutrina pelo Exemplo’: Santificação através da Literatura em Milton e Bunyan”, em *Bunyan Studies*, No.6 (1995/96), 53-54. Na verdade, outro escritor moderno afirma que “a doutrina crucial da Reforma da justificação pela fé... precisa de uma imaginação analógica para compreendê-la.” Roger Pooley, “Language and loyalty: plain style at the Restoration” *Literature & History*, 6:1 (1980), 4, citado em *The Literary Culture*, 250.

11. Cf. Geoffrey F. Nuttall, “The Heart of *The Pilgrim’s Progress*,” em *Reformation Principle and Practice*. Editado por Peter Newman Brooks. (Londres: Scholar Press, 1980), 239. O Dr. Nuttall vê a obra como “certamente uma obra de gênio imaginativo supremo; mas o seu poder é como um livro do “caminho”: o caminho para Cristo, o caminho de Cristo e o caminho com Cristo. Este é o seu tema, a multiforme realidade da experiência cristã, e nisto Bunyan deu continuidade a uma longa tradição.”
12. João Calvino, *Sermões sobre Deuteronômio* (Edimburgo: Banner of Truth, 1987), sermão sobre Deuteronômio 29:19, 1035.
13. João Calvino, *Comentários sobre o Livro do Profeta Jeremias e Lamentações* (Grand Rapids: Baker, 1989), 1: 483.
14. Richard Sibbes, *The Works of Richard Sibbes* (Edimburgo: Banner of Truth, reimpressão de 1973 da edição de 1862), 1:178ss.
15. John Owen, *The Works of John Owen* (1988), 7: 276, 312-13, 320.
16. Richard L. Greaves, ed., *John Bunyan* (Oxford: The Clarendon Press, 1981), 196.
17. Matthew Poole, *Um Comentário sobre a Bíblia Sagrada* (Edimburgo: Banner of Truth, 1975), 2:534, 566.

18. Stephen Charnock, *The Works of Stephen Charnock* (Edimburgo: James Nichol, 1864) 1:240-42.
19. *Sermões sobre Deuteronômio*, 135.299.
20. Christopher Durston e Jacqueline Eales, eds., “Puritans and Iconoclasm, 1560-C.1660” em *The Culture of English Puritanism, 1560-1700* (Londres: Macmillan, 1996) 96, 117, 121.
21. John Owen, *The Grace and Duty of Being Spiritually Minded*, 1681, em *Works*, 7:345.
22. William Perkins, *A Arte de Profetizar* (Edinburgh: Banner of Truth, 1996), 26. Publicado originalmente em latim em 1592 e em inglês em 1606.
23. William Tyndale, *Doctrinal Treatises... of the Holy Scriptures*, (Cambridge: The University Press, 1848), 304.
24. William Whitaker, *A Disputation on Holy Scripture*, (publicado originalmente em latim em 1588 [Cambridge: The University Press, 1849]), 362.
25. William Ames, *A Essência da Teologia Sagrada* (Londres: H. Overton, 1642), 151.
26. Samuel Rutherford, *A Survey of the Spirituall Antichrist* (Londres np, 1648), 272.
27. John Ball, *A Short Treatise* (Londres: Edward Brewster, 1650) 55.
28. Edward Leigh, *A Systeme ou A Body of Divinity* (Londres: np, 1654), 127.
29. *The Art of Prophesying*, 26, 42. Ver John E. Marshall, “The Puritan Use of Allegory com referência particular às obras de John Bunyan” em *Light From John Bunyan and Other Puritans*. Artigos lidos na Conferência de Westminster de 1978, (Berkhampsted, Inglaterra, 1979), 67-85.
30. Richard Field, *Of the Church* (np, 1606), 232.
31. Richard Rogers, *A Commentary Upon the Whole Book of Judges* (Edimburgo: Banner of Truth, 1983), 457 [sobre Juízes 9:7-20 (parábola de Jotão)]; publicado originalmente em 1615.
32. *A Commentary on the Holy Bible*, 3: sobre Matt. 13:1-3.
33. Richard Greenhill, *An Exposition of Ezekiel* (Edimburgo: Banner of Truth, 1994).
34. *The Pilgrim’s Progress and Traditions*, 125-27.
35. *The Pilgrim’s Progress and Traditions*, 154.

36. Santo Agostinho, *As Confissões de Santo Agostinho* (Londres: JM Dent, 1946), 210, 213.
37. Stephen Charnock, *The Works of Stephen Charnock* (Edimburgo: James Nichol, 1866), 5:289.
38. *Works of Charnock*, 5:304, 305, 307, 309.
39. *Works of Richard Sibbes* (1973), 1:180, ss.
40. *A Commentary Upon the Whole Book of Judges*, 679.
41. Jeremiah Burroughs, *A joia rara do contentamento cristão* (Londres: Banner of Truth, 1964), 124.
42. Thomas Manton, *One Hundred and Ninety Sermons on the Hundred and Nineteenth Psalm* (Edimburgo: Banner of Truth, 1990), 1:8.
43. Thomas Brooks, *Céu na Terra: Um Tratado de Segurança Cristã* (Londres: Banner of Truth, 1961), 204.
44. O sermão de Smith foi originalmente impresso em *Four Sermons* (Londres, 1598), e talvez encontrado em Everett H. Emerson, *English Puritanism from John Hooper to John Milton* (Durham, Carolina do Norte: Duke University Press, 1968), 130-31.
45. John Flavel é citado em IDE Thomas, *A Puritan Golden Treasury* (Edimburgo: Banner of Truth, 1977), 230.
46. Richard Baxter, *The Practical Works* (Ligonier, Pensilvânia: Soli Deo Gloria, 1990), 3:293.
47. *Obras de Stephen Charnock*, 5:304, ss.
48. *The Works of George Swinnock*, (Edimburgo: Banner of Truth: 1992), 2:414-15. 421. 462.
49. *An Exposition of Ezekiel*, 127 em Ezequiel 4:1-3; e 786 em Ezequiel 42:1.
50. *The Works of Richard Sibbes*, 1:185.
51. *he Literary Culture of Nonconformity*, 258-59.
52. *The Spirituality of the Later English Puritans*, 121-22, 137.
53. John Downname, *A Guide To Godliness* (Londres: Felix Kingstone para Philemo Stephen e Christopher Meredith, 1629), 548, 557, 573, 539.
54. *Works of Richard Sibbes*, 6:183-84, *Divine Meditations and Holy Contemplations*, [1658], “To the Christian Reader”, para a citação de Ezekiel Culverwell. Joseph Hall era bispo de Norwich, e o título completo do trabalho de Hall era *Contemplations Upon the Principall Passages of*

- the Holy Storie*. Foi originalmente publicado em oito volumes entre 1612 e 1626. A recomendação de Baxter sobre as obras de Hall está em seu *Christian Directory* (Morgan, Pensilvânia: Soli Deo Gloria), 1:479. Esta é a primeira edição de quatro volumes das obras de Baxter.
55. Além dos puritanos citados no texto, trabalhos sobre meditação foram escritos por, entre outros, os seguintes: Nathaniel Bacon, John Ball, Richard Baxter, Robert Bolton, William Bradshaw, John Bunyan, Edmund Calamy Sr., Thomas Doolittle, John Flavel, Thomas Fuller, Obadiah Green, Joseph Hall, Samuel Lee, John Owen, Nathanael Ranew, Samuel Shaw, Thomas Taylor, Lames Ussher, Thomas White e Thomas Wadsworth. Sou grato ao Dr. Geoffrey Nuttall por fornecer informações sobre obras de Bacon, Ball, Baxter, Calamy, Flavel e Shaw.
56. *One Hundred and Ninety Sermons on the Hundred and Nineteenth Psalm*, 2:132-33.
57. William Fenner, *The Use and Benefit of Divine Meditation* (Londres, np, 1657), 16-17; cf. Andrew A. Bonar, *Letters of Samuel Rutherford* (London: The Religious Tract Society, sd), 329: “A experiência lhe dirá que você terá muito trabalho com seu coração neste ponto, para mantê-lo uma hora para o trabalho, sem muitos extravagâncias e cogitações ociosas. A cura aqui é... usar vigilância e violência com sua própria imaginação, e assim que eles saírem para repreendê-los... Afaste essas aves de rapina, então, do seu sacrifício, e mantenha estritamente o seu coração no trabalho que você está realizando.
58. William Bates, *A Discourse of Divine Meditation*, de *The Works of William Bates* (Londres: B Aylmer e J. Robinson, 1700), 101.
59. *The Works of John Owen* , 7:385-86.
60. *The Woorks of John Owen* , 7:447.
61. Richard Baxter, *Mr. Baxter's Dying Thoughts*. Estou em dívida com o Dr. Geoffrey Nuttall por chamar minha atenção para esta passagem. Veja *Richard Baxter do Dr. Nuttall*, (Londres: Thomas Nelson, 1965), 125.
62. *The Works of John Owen* , 7:337.
63. Richard Baxter, *The Saints Everlasting Rest* (publicado originalmente em 1650, revisado em 1658), em *The Practical Works of Richard Baxter* (Ligonier, Pensilvânia: Soli Deo Gloria, 1990), 3:319-20, 315.

64. Sermão sobre “The General Resurrection” em *Obras de Richard Sibbes*, 1864, 2:329.
65. Andrew A. Bonar, ed. *The Letters of Samuel Rutherford* (Edimburgo: Banner of Truth, reimpressão de 1984 da edição de 1891), 310.
66. *Letters of Samuel Rutherford*, 303, 338, 422. Edward Dering, a quem Patrick Collinson se refere como “o arquetípico divino puritano” e “o Spurgeon elisabetano”, também ministrou imaginativamente por meio de cartas de conselhos piedosos: “A concepção de Dering da transcendência de Deus e de a obra de Cristo. . . foram expressos com uma imaginação rica e até mística. 'Se todo o mundo fosse uma água corrente. . . e a cada ano uma gota deveria diminuir, o mar deveria ficar todo seco e o fundo das profundezas deveria aparecer antes que Ele deixasse de viver a quem Deus irradiou dos mortos.'” *Um Espelho do Puritanismo Elisabetano: A Vida e as Cartas de Godly Master Dering*, (Décima Sétima Palestra da Biblioteca dos Amigos do Dr. Williams, 1963, Londres, 1964), 31, 18, 5. A citação é da edição de 1597 das *cartas certas e confortáveis de Dering*.
67. *An Exposition of Ezekiel*, 820-21 (em Ezequiel 47:7-10). Estou em dívida com o Rev. Meirion Thomas por chamar minha atenção para esta passagem.
68. *The Works of George Swinnock*, 2:111-12. 248-49.